

A VIDA HUMANA E ANIMAL NOS  
*CONTOS GAUCHESCOS*

Hélio Mariente

Atuante, pitoresca e autêntica, a paisagem humana que ressuma dos *Contos Gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Contista nato, dotado de arguto espírito de observação, profunda capacidade de assimilação e analista perspicaz, soube captar e transmitir, através do colorido e movimentado da sua narrativa, com a genialidade literária de despersonalizar-se, os caracteres que plasmaram o homem rural continentino, tipo tão distinto na geografia humana brasileira.

Nascido em zona pastoril por excelência, descendente de família pertencente ao patriciado rural gaúcho, teve uma educação citadina, pois que feita, inicialmente na aristocrata Pelotas e prosseguiu no Rio de Janeiro, com breve passagem pelo célebre «Colégio Abílio», assentando-se, pelo espaço de três anos, nos bancos acadêmicos da Faculdade de Medicina, abandonando-os por motivo de saúde.

Seus estudos e sua personalidade empreendedora, aliados ao seu espírito de sonhador, transformaram-no no «homem dos sete instrumentos», como observou Carlos de Reverbél, sempre envólto com projetos grandiosos ou pitorescos, mirabolantes às vèzes, com insucesso quase sempre.

Conhecedor, como poucos, do meio rural rio-grandense, muito embora tenha vivido em fazendas sòmente parte de sua infância, foi um estudioso das gentes e cousas do seu Estado natal.

Talvez por atavismo, quiçá por uma subjetiva exigência de poderosa fôrça interior, foi justamente na descrição do característico tipo rural gaúcho que Simões Lopes conseguiu projetar seu nome e sua obra regional através dos tempos.

Sua outra produção, imensamente maior em volume e talvez mais pretensiosa nas finalidades, abrangendo os setores teatral, histórico e jornalístico, se algum sucesso local obteve na época, hoje consta apenas nos registros bio e bibliográficos, conhecida tão somente dos estudiosos e pesquisadores.

Melhor destino tiveram os seus *Contos Gauchescos*.

«Pobre voluminho desajeitado!», no dizer de Augusto Meyer, nascido humilde como um simples ôlho d'água, tal qual este, à medida que avançam tempo e espaço, foi crescendo, transformando-se em saltitante regato, em escachoante arroio, em portentoso rio, para desaguar, por fim, no imensurável oceano.

Desde simples veio, quando os contos ainda se encontravam em gestação em seu privilegiado cérebro, ao regato de «escritor municipal», engrossando como arroio provinciano, tomando formas caudalosas já como rio brasileiro, terminou por atingir o desaguadouro lógico, pois são conhecidos e comentados na literatura universal.

Espelho vivo do pampa continentino, seus racontos refletem tôdas as nuances daquela primitiva sociedade. Ora serenos como as serenas madrugadas gaúchas, ora quentes como os meio-dias dos pagos, ou, ainda, mornos como as noites da querência; por vêzes frios e violentos quais fustigantes rajadas do minuano e do pampeiro, têm, invariavelmente, as pictóricas belezas das tardes pampeanas, no seu multicolorido ocaso, onde desfilam, simultaneamente, todos os matizes do arco-íris, com a esplendência, desde o branco da paz, até o vermelho da tragédia, com múltiplas passagens pelo azul da ternura.

Telúricos, têm por teatro o solo gaúcho e por palco, uma que outra estância, perdida nos sem fins da Terra de Ninguém, quando

«êstes campos eram meio sem dono, era uma pampa aberta, sem estrada nem divisa».

Sóbrias alusões a centros populosos. Os cenários e as gentes de vilas e cidades, de sua Pelotas urbana, ou da civilizada metrópole brasileira, não impressionam fortemente a pena de Lopes Neto.

Em seus contos, não retrata núcleos populacionais de certa importância demográfica e sim, tão somente, o acanhado ambiente de uma estância, a estreita faixa de terra de uma cancha de carreiras, o espaço limitado de um campo de batalha, o entre-quatro-paredes de um bolicho de campanha e outros que tais, e sempre com uma elogiável economia de palavras, custosa de encontrar em outros escritores.

Assim procede com a geografia humana.

Não é o estancieiro, o militar cheio de bordados, o alto comerciante que descreve principalmente, mas o singelo peão, ou o simples soldado ou cabo-de-esquadra, ou, ainda, o modesto bolicheiro de vendola à beira da estrada.

Nos próprios contos em que desfilam personagens históricas, tais como o Imperador Pedro II, Caxias, Abreu, Bento Gonçalves, Onofre Pires e outras, sente-se que a tônica humana encontra-se no narrador – o soberbo tipo de Blau Nunes –, pois o pensamento e a ação dêste é que despertam a atenção e não a dos figurões.

Quando se vale, para melhor entendimento ou ilustração das suas estórias, de outros personagens, como padres, juiz de paz, mascates, negociantes e outros, dá a êstes somente papéis secundários, tendentes a valorizar a ação do protagonista principal, sempre um peão, apresentado nas suas múltiplas facetas de posteiro, agregado, domador, compositor de parreiros e similares.

Também não gostava de mover multidões. As ações dos seus contos desenvolvem-se com poucos personagens. Ainda aqui, só por extrema necessidade e para melhor situar a ação que quer expor, faz alusão a maior número de pessoas e sempre em citações breves, concisas, tais como:

«a estância estava apinhada de gauchada»;

«uma comitiva de tropeiros, com grande cavallhada por diante»;

«pois pra carreira essa, tinha acudido um povarêu imenso»;

«uma ponta de andantes, tropeiros, gauchada teatina, peonada e tal».

Não passou despercebida ao autor a grande participação do militar nos primórdios do Continente. Assim, dos seus dezesete contos, em apenas seis não encontramos militares, ou pessoas com títulos hierárquicos da caserna. O próprio Blau Nunes, num conto figura como soldado raso; noutra, ostenta, orgulhoso, as divisas de cabo de esquadra e num terceiro já é furriel.

Os outros militares dos seus contos são o capitão Pereirinha, o major Terêncio, o brigadeiro Machado, o furriel André, o major Vieira, um capitão e um tenente aos quais não dá nome, além das históricas figuras de Caxias, Abreu, Bento Gonçalves, Onofre Pires e outros.

Fiel à miscigenação continentina, seus personagens representam as raças de cujo caldeamento resultou o gaúcho.

Assim, a grande maioria, como não poderia deixar de ser, é de epiderme branca.

A raça negra acha-se representada em cinco dos seus contos, nas figuras do negro Bonifácio, mãe Tanásia, Osoro, negro sem nome, peão do velho João Cardoso e uma negra também sem nome.

Dois personagens – o Juca Picumã e o Reduzo – Simões Lopes classifica como índios. Deveriam ser mestiços, pois frequentemente trata-os de chiru, que, como sabemos, é sinônimo de caboclo e de índio.

Com referência a Reduzo, no desenvolvimento do conto, bem possível que intencionalmente, o autor troca a sua epiderme, pois o que está contando a estória, diz:

«É o *índio* Reduzo, que foi posteiro dos Costas».

Mais adiante, após o berzabum da festa o ilhéu, referindo-se a Reduzo, chama-o de *prêto*, ao replicar:

«Foi esse *negro*, com tanta arma, que estarreceu a menina».

Um único português com ação aparece em todo o volume. No conto *Melancia-Côco Verde*. O autor não dá o seu nome, mas deixa antever sua origem açoriana, chama-o

«ilhéu, mui comedor de verduras...».

Dois castelhanos, um homem e uma mulher, ambos sem nome, tomam parte importante nos contos *Deve um Queijo e Duelo de Farrapos*.

Em *Jôgo do Osso* aparece um personagem de nacionalidade indefinida. Trata-se do Arranhão, dono da vendola onde tem lugar a ação:

«um sujeito alarifaço, cá pra mim, desertor, meio espanhol e meio gringo...».

Referentemente a nomes, em dois contos – *Trezentas Onças e Correr Equada* – os protagonistas não foram batizados, subentendendo-se apenas o do narrador – Blau Nunes.

No comovente *O Boi Velho*, os figurantes são dois bois – o Cabiúna e o Dourado – havendo apenas referências aos proprietários da estância,

«duma gente Silva, uns Silva mui políticos...».

Poucos os personagens com nome completo:

Blau Nunes, João Cardoso, o velho Lessa, que devia chamar-se Antônio, pois tem o apelido de Nico, Binga Cruz, Tandão Lopes e José Guerra, do seu *Juca Guerra*.

Nos demais, quando registra o prenome, não dá o sobrenome e quando consigna êste, omite aquê.

Assim, encontramos: Pereirinha, Machado, Costa, Antunes, Vieira, Nadico, Bonifácio, Tudinha, Fermina, Mariano, Maria Altina, André, Chico, Chicão, Juca, Rosa, Marcos, João Antônio, Reduzo, Talapa, Severo, Hilarião, Jango Jorge, Arranhão, Osório, Lalice, Miguelão e Velinda.

Desta citação de nomes nota-se que o autor usou largamente de aumentativos e diminutivos. É êsse um costume de todos os povos, quase sempre uma demonstração de carinho e, frequentemente, maneira sintética de revelar o físico pela designação.

Assim, Simões Lopes crismou: Tudinha, Chicão, Pereirinha, Hilarião, Tandão, Arranhão, Costinha e Miguelão.

Universal, também, a adoção de apelidos. Pois nos *Contos Gauchescos* êles abundam: Tudinha, Nadico, Chico Triste, Tuca, Tanásia, Chicão, Juca Picumã, Talapa, Chico Ruivo, Lalice, Binga, Velinda, Jango Jorge, Nico e Juca Guerra.

Julgamos que o autor poderia ter evitado êsse mal soante *Ju-Cague-rra*, pois nota-se sua cautela, neste setor, em tôda sua obra.

Os brasileiríssimos *sia*, *nhã* e *mãe*, afetivas formas de tratamento, também foram empregadas nas pessoas de *sias* Fermina e Talapa, *nhãs* Tuca e Velinda e *mãe* Tanázia.

Simões Lopes pouco repetiu nomes. Apenas três: Francisco, João e José. Os dois primeiros aparecem três vêzes e o último, duas. Francisco, sempre na forma do seu apelido — Chico. Assim, encontramos Chico Triste, Chicão e Chico Ruivo. João Antônio, João Cardoso e Jango Jorge, são os três Joões. Juca Picumã e Juca Guerra os Josés.

E, coincidência: João é o próprio nome do autor e a esposa dêste chamava-se Francisca.

Passemos, agora, a examinar os principais tipos humanos de *Contos Gauchescos*.

Homens e mulheres que desfilam no palco dos pampas, exibindo as manifestações da vida bárbara que lhes era peculiar.

Dramas de violência e sangue, onde o conflito de paixões põe a nu o caráter dos personagens. Quadros de divertida malícia, subtil astúcia. Sainetes de graça leve e desprezenciosa. Cenas de bravatas e de picardia. Atos de solidariedade humana e de compaixão. Tragédias, comédias e tragicomédias, representadas por uma sociedade quase gregária ainda, onde bons e maus, valentes e tímidos, introspectivos e extrovertidos, alegres e sisudos, jogadores e sóbrios, bravateadores e casmurros, vivendo suas vidas, com o inevitável reflexo do estado d'alma de cada um, manifestam, em síntese, o turbilhão de sentimentos que agita a alma humana, em qualquer latitude.

Não é demais ressaltar-se o que já foi objeto de estudos de críticos da obra do capitão João Simões: sua quase indiferença à paisagem geográfica. Buarque de Hollanda bem define esta faceta do autor, quando escreve:

«contadas por um campeiro como são as histórias de Simões Lopes Neto, seria nelas impertinente o exagêro de paisagem».

Assim, sua grande preocupação foi a paisagem humana. Na descrição desta, não se interessou pelos bem postos na vida, os mandões, os chefes. O tipo que traça admiravelmente bem é o do simples peão de estância na polimorfia de suas especialidades.

Não se demora, tampouco, no aspecto físico dos seus personagens. Poucas e comedidas palavras a êste respeito. A mesma técnica observa na descrição da faceta moral dos seus protagonistas. A atuação dêstes, seus desempenhos na trama dos contos é que revelam os seus caracteres.

Apenas em *O Negro Bonifácio* os dois personagens principais mereceram um estudo mais acurado de suas personalidades, física e moral, de parte do autor.

Em *Trezentas Onças* Blau é tropeiro. Simples peão em *Correr Equada* e vaqueano, fazendo o papel de ordenança em *O Chasque do Imperador*.

Seu aspecto físico e sua estrutura moral encontram-se muito bem descritas na apresentação dos contos.

Já em *O Negro Bonifácio* o próprio título revela o principal ator, o negro que, segundo Blau era

«um perdação pela cachaça, e pelo truço, e pela taba.

Êta nego pachola!

De chapéu de aba larga, botado no cocuruto da cabeça e prêso num barbicacho de borlas morrudas, passando pelo nariz; no pescoço um lenço colorado com o nó republicano; na cintura um tirador de couro de lontra debruado de tafetá azul e mais cheio de cortados do que manchas tem um boi salino!

Era um govêrno, o negro!»

Êste personagem representa um tipo mui contraditório do antigo gaúcho de baixa categoria social. Bravateador, mas «que agüenta a parada». Provocador e armador de «bochinchos», mas

que vai até às últimas conseqüências, como realmente acontece no conto.

Quantos «negros bonifácios» conhecemos em nossa vida!

Em *No Manantial*, a figura saliente é *Chicão*, filho do Chico Triste. Chicão desempenha um forte e trágico papel de homem mau.

«Ele era um bruto»,  
diz o velho vaqueano.

Em *O Mate do João Cardoso*, êste personagem, que já pertence ao nosso folclore, mostra o tipo do gaúcho buenachão, calmo e apreciador de uma boa prosa.

«Era um bom velho, muito estimado, chalrador como trinta».

No conto *Deve um Queijo*, há dois tipos com ação bem destacada: o Velho Lessa e um Castelhana sem nome.

O velho Lessa, tônica do conto, era um homem «assinzinho... nanico, retaco, ruivote, corado e tinha os olhos vivos como azougue... Mas quanto tinha pequeno o corpo, tinha grande o coração. Sisudo; não era de roer corda. Falava pouco, mas quando dizia estava dito; pra êle, trato de bôca valia tanto – e até mais – que papel de tabelião. E no mais, era: pão, pão; queijo, queijo!»

O castelhana foi assim retratado:

«alto, gadelhudo, com uma pera enorme, que até, às vêzes, por graça ou tenção reservada, costumava trançar, como para dar mote a algum dito, e êle retrucar, e daí nascer uma cruzada de facões...»

Estas duas fortes descrições definem, com admirável economia de palavras, os dois personagens. E note-se o estranho e maravilhoso paralelo de antagonismos entre duas figuras completamente opostas, no físico e no caráter. Um, alto. Nânico, o outro. Êste, quietarrão, calmo, sisudo. Bravateador e buscador de casos, o grandalhão. No entanto, como moral da estória, quem leva a melhor é justamente aquêle que, pela figura, menos condições aparentava para tal.

Em *Jôgo do Osso*, o Osoro, é o tipo clássico do boa-vida.

«Era um moreno mui milongueiro, compositor de parreiros e meio aruá; andava sempre metido pelos ranchos contando histórias às mulheres e tomando mate de parceria com elas».

O Chico, aquêle com quem Osoro apostou memorável parada, onde o prêmio seria a companheira do primeiro – a Lalice – ou o ruano do segundo, pois o Chico era

«domador e morava de agregado num rincão da Estância das Palmas».

Ê o protótipo do homem que se deixa dominar pelo jôgo.

Em *Juca Guerra*, a figura que dá nome ao conto e que revelou tanta coragem e solidariedade humana ao salvar um companheiro – o Tandão – que se havia desastrado numa rodada, enredando-se no laço, com um touro furioso já no final da carga, pois êsse Juca Guerra

«era moreno, alto, delgado, ôlho prêto, nariz de homem mandador; mãos e pés de môça; tinha força como quatro; bailarino, alegre, campeiraço; e o coração devia ser-lhe mui grande, devia encher-lhe o peito todo, de bom que era».

Que maravilhosa descrição, na sua singeleza! Aquêle *nariz de homem mandador*, descreve, em quatro palavras, e quatro simples palavras, tôda uma psicologia das formas humanas como definidoras da faceta de um caráter. E que soberbo final: *e o coração devia ser-lhe mui grande, devia encher-lhe o peito todo*, mostra que Juca Guerra, apesar de possuir o tipo de mandão, definido pelo seu nariz, era um mandão de nobres sentimentos, *de bom que era*.

Mas o seu personagem principal, aquêle que enche o livro todo, da primeira à última página, transbordando mesmo e intrometendo-se em nós outros

«trepando dentro da gente, o mesmo que jaguatirica por uma árvore acima»,

deixando sentidas e profundas marcas, é o velho Blau Nunes – o vaqueano!

Protagonista que parece saltar das páginas de um romance de cavalaria medieval, naturalmente adaptado ao meio rural

continentino, identificamo-nos tanto com êle, que se nos afigura um nosso íntimo, uma pessoa das nossas relações, muito querida, mais velha e mais sensata, conhecedora da vida, que aconselha freqüente, diverte sempre e encanta constantemente. Em nossos devaneios gauchescos é nossa infalível «companha».

Temos mesmo a certeza: efetivamente, o velho Blau figura na árvore genealógica de cada gaúcho.

Assim que Simões Lopes abre seu livro e diz, de sopetão:

«Patrício, apresento-te Blau, o vaqueano»,

temos até ganas de retrucar-lhe, também de sopetão:

— Não carece, pois se até tomei um amargo com êle, in-d'agorinha! . . .

O autor, ao apresentar o tapejara, afirma que o conheceu já velho, com oitenta e oito anos nas cacundas.

No conto *O Anjo da Vitória*, Blau diz ter mais ou menos uns dez anos quando assistiu a batalha do Passo do Rosário. Como essa batalha foi travada em 1827, deduz-se que Simões Lopes faz nascer nosso guasca lá pelos idos de 1817.

Pelo mesmo raciocínio chega-se à conclusão de que o autor imagina travar relações com nosso herói no ano de 1905.

Em seus admiráveis contos o capitão João Simões faz dito personagem presenciar, menino ainda, a citada batalha e tomar parte ativa, já môço, na Revolução Farroupilha, aditando, na apresentação de Blau, que êste também fôra marinheiro de Garibaldi, sendo até ferido nesta circunstância, muito embora, em nenhum conto, Blau figure como marinheiro.

Elementar é dizer-se que o tapejara é, subjetivamente, o próprio Simões Lopes Neto. Não estamos descobrindo a pólvora ao asseverarmos tal. Com isto queremos apenas ressaltar que o autor, transubstanciado no velho Blau, revela sua vocação e escondida personalidade de didata.

A par do encantamento que a leitura de *Contos Gauchescos* traz a cada instante, sente-se, nela, a perene vontade de ensinar, de transmitir conhecimentos das coisas dos «antigamente guascas», conhecimentos êsses que o autor adquiriu na sua convivência nas estâncias, em peregrinações pelo Rio Grande do Sul, em suas buscas em arquivos, analisando documentos anti-

gos e, principalmente, através de informações colhidas oralmente, na fala e no trato com gaúchos dos quatro cantos do pampa.

Em quase todos os contos, o velho Blau, com aquêle seu jeito peculiar e saboroso de relatar, com aquela sua maneira tão gostosa, pitoresca e sóbria, explica, ensina, mostra, relata e define cenas da vida campeira, lances de trabalhos rurais, episódios comuns a uma sociedade que recém iniciava seus passos, detalhes de acessórios do material que o gaúcho usava, enfim, tôda uma gama de cousas que o autor temia caíssem no esquecimento das gerações futuras, pela inevitável intromissão do progresso, com a técnica dominando o empirismo.

Parece mesmo que Simões Lopes, à certa altura, dá-se conta desta faceta e procura desculpar-se pela bôca do tapejara:

«Contei, porque si vancê fôsse daquele tempo eu calava-me, porque não contaria novidade. . .»

Em *Correr Eguada* encontramos um vasto repositório de ensinamentos de como os antigos gaúchos tratavam o gado chimmarrão, naqueles tempos em que

«tudo era aberto; as estâncias pegavam umas nas outras sem cêrcas nem tapumes».

Mostra como se faziam as marcações, os costeios, os apartes do gado e, sobretudo, a limpeza dos campos, pois naquela época, só na estância do major Jordão, lá pelas bandas do Ibicuí,

«havia como dez mil baguais entre éguas e potros orelhanos, cavallhada largada, reiúna e marcada, que tôda virou haragana, nos pajonais. Os gados, que já eram muito ariscos, viviam numa bolandina com as disparadas da bagualada».

Ensina como se adelgaçavam os pintos, como se apanhavam as éguas para tirar-lhes as «loncas» e um mundo de outros relatos preciosos para o conhecimento do trato com os animais nesses priscos tempos.

Particulariza o que é um «ligar» de uma maneira tão subtil, tão perfeita, que chega a encantar.

Ouçamo-lo!

«Vancê não sabe o que é um ligar? Não é só, não Sr. o couro de terneiro para fazer carona: é também uma tira de guasca, chata, assim duma meia braça, com um furo dum lado e uma meia ponta do outro. Conforme boleava um animal e êle caía, o campeiro chegava-se e passava-lhe o ligar em cima do garrão e apertava, acochava, à moda velha, hom!... era mesmo como botar uma liga de mulher, com perdão da comparação! Vancê compreende, não!»

E note-se bem: é tal o entusiasmo do autor pelas antigas lides campeiras que, nesse conto, três vêzes diz, pela boca do velho Blau:

«Barbaridade! Nem há nada como tomar mate e correr equada!»

Didata, continua em *Jôgo do Osso*, onde encontramos preciosos detalhes dessa diversão que tanto entusiasma a gauchada.

Não age de outra maneira em *Os Cabelos da China*, entrando em deliciosos pormenores a respeito da difícil arte de trançar o couro.

Em *Artigos de Fé do Gaúcho* revela tôda uma filosofia campeira, com uma penca de ensinamentos práticos das cousas e gentes do Rio Grande do Sul antigo.

Se se quer saber como era um rodeio nesses prístinos tempos, nada melhor que ler com atenção o *Juca Guerra*. Aí estão, em rápidas pinceladas, as dificuldades em arrinconar o gado chucro

«a gritos, a tiro e a cachorro»,

onde aparecem cenas curiosas, divertidas e trágicas, inevitáveis em tais «campereadas», narradas sempre naquele estilo tão simples e, ao mesmo tempo, maravilhoso do velho vaqueano.

Num dos seus mais belos contos, digno de figurar em qualquer antologia universal - *Contrabandista* - mostra o que era, como era e porque havia o contrabando.

Nesse conto, que esplêndida aula de economia sócio-política nos dá Blau Nunes, ao descrever, sinteticamente, como se efetivavam as doações de sesmarias, qual o sistema de governo, a dificuldade de obtenção de artigos de consumo, a proibição do

artesanato crioulo e mil outros pormenores, que tanto dificultavam a vida do gaúcho de então.

E conclui:

«Foi o tempo do manda-quem-pode!... E foi o tempo que o gaúcho, o seu cavalo e o seu facão, sòzinhos, conquistaram e defenderam êstes pagos! Agora imagine vancê se a gente lá de dentro podia andar com tantas etiquêtas, e pedindo louvado pra se defender, pra se divertir e pra luxar!... O tal rei nosso senhor, não se enxergava, mesmo!... E logo com quem!... Com a gauchada!...

Êsse, o velho Blau, símbolo do gaúcho de antanho!

Analisemos, agora, os personagens femininos.

Simões Lopes não ficou imune à tendência gaúcha de valorizar e exaltar sòmente o macho, quer em se tratando de humanos, quer de irracionais. Para o gaúcho, e isto vem de priscas eras, apenas o homem, o cavalo, o touro ou o boi, merecem destaque. A importância das mulheres e fêmeas é secundária, sempre em segundo plano.

Às mulheres, na sociedade gaúcha, principalmente na antiga, salvo raras exceções, não se permitia ingerência nos negócios e trabalhos. Era a companheira querida, sem dúvida, a mulher. Amada, decantada e disputada até, mas longe da azáfama campeira, lá dentro do rancho, sòmente com os seus afazeres domésticos e sua função de matriz continuadora da raça.

O trabalho de campo e a direção da estância eram serviços só para «machos».

Mulheres, mulheres, negócios à parte, parece ter sido a divisa dos gaúchos.

Pois bem: Os principais tipos femininos de Simões Lopes aparecem nos enredos sòmente para justificar a ação dos protagonistas principais, sempre homens, em descrições breves, concisas, quase que se limitando à beleza física.

Apenas uma exceção – e que magnífica exceção! – A de Tudinha, em *Negro Bonifácio*.

Vale a pena escutarmos o velho Blau:

«A Tudinha era a chinoca mais candongueira que havia por aquêles pagos. Alta e delgada, parecia um jerivá ainda novinho, quando balança a copa verde tocada de leve por um vento pouco, da tarde. Tinha os pés pequenos e as mãos muito bem torneadas; cabelo cacheado, as sobranceiras finas, nariz alinhado.

Mas o rebenqueador, o rebenqueador... eram os olhos! Os olhos da Tudinha eram assim a modo de olhos de veado-virá, assustado: prêtos, grandes, com luz dentro, tímidos e ao mesmo tempo haraganos... pareciam olhos que estavam sempre ouvindo... ouvindo mais, que vendo...

Face côr de pêssego maduro; os dentes brancos e lustrosos como dente de cachorro nôvo; e os lábios da morocha deviam ser macios como treval, doces como mirim, frescos como polpa de guabiju...

E apesar de arisca, era foliona e embugalava um cristão, pelo só falar, tão cativo.

No mais, buenaça, sem entono».

É esta a maior descrição de um tipo, quer masculino, quer feminino, de todo o volume. Acresce dizer-se que Tudinha é, também, o único personagem feminino com ação forte, dramática e trágica.

Já as demais mulheres mereceram poucas palavras, apesar da importância de algumas no desenvolvimento das ações dos contos.

A mãe de Tudinha, que pouco aparece no conto, está assim descrita:

«Velha, é um modo de dizer, porque sia Fermina ainda fazia um fachadão».

A acompanhante do negro Bonifácio, sem nome, assim se refere:

«E na garupa, mui refestelada, trazia uma chirua, com ar de querendona...»

«...uma piguancha de cara beiguda...»

No comovente e trágico *No Manantial* desfilam duas velhucas, uma menina e uma negra mina, a mãe Tanázia.

A menina é *Maria Altina*, centro da tragédia. Poucas as palavras a ela dedicadas, apesar da sua importância no drama:

«Andava nos dezesseis anos. Ela era o ai-jesus! de todos, até dos negros»...

«Na cabeça, como gostava, trazia uma rosa fresca, e que ficava-lhe mesmo a preceito no negrume da cabeleira».

E *Os Cabelos da China* assim descreve Rosa:

«Linda como os amôres».

«Era um chinocão de agalhas!... Seiúda, enquartada, de boas côres, olhos terneiros... e com uma trança macota, ondeada, negra, lustrosa, que caía meio desfeita, pelas costas, até o garrão...»

Aliás, os cabelos de Rosa é que deram título ao conto e o material para a célebre trança.

À sia Talapa, em *Melancia-Côco Verde*, apenas esta referência:

«môça lindaça».

No admirável *Contrabandista* há duas figuras femininas, ambas sem nome, mãe e filha.

Fala o velho Blau:

«a dona da casa era uma mulher mocetona ainda, bem parecida e mui prazenteira».

E da filha:

«A noiva era mesmo uma formosura; e prendada, mui habilidosa».

A Lalice, do *Jôgo do Osso*, está assim descrita:

«uma piguancha bem jeitosa».

Em *Duelo de Farrapos* aparece misteriosa dama castelhana que Blau Nunes diz ser

«uma senhora dona viúva».

Simões Lopes alcança, neste conto, um dos seus mais belos instantes literários no maravilhoso final da descrição dessa «senhora dona viúva»:

«Se era linda a beldade!... Sim, senhor, dum gaúcho de gôsto alçar na garupa e depois jurar que era Deus na terra!...»

E destorcida, e bem falante: e olhava pra gente, como o sol olha pra água: atravessando!...»

Já em *Penar de Velhos* não descreve a anciã, mas dá um sentimental toque mágico e enternecedor, ao narrar o seu enterramento, que transmite ao leitor ou ouvinte a sensação de haver conhecido a velhinha:

«Pois desde a estância até o cemitério, umas quantas léguas – o caixão veio sempre à mão. Mas não pesava nada. Também, pobrezinha! – que pecados podia ela ter?...»

No *Menininho do Presépio*, conto com que Simões Lopes pretendia iniciar uma segunda série dos seus *Contos Gauchescos*, nhã Velinda

«era uma criatura boa como uma santa, morocha linda como uma princesa»

«a nhã Velinda, essa, era de confiança»,

o que não obstou que, embora casada, andasse de namoricos e certa feita até beijasse o cadete Vieira, com quem se consorciou mais tarde, quando já viúva...

Assim, vimos as gentes do contista Simões Lopes.

Vejamos, agora, como o autor cuidou dos bichos.

Ainda aqui, tornamos a repetir, verifica-se, mais uma vez, a já acentuada preocupação com o homem, pois insignificante é o número de animais que tomam parte no enredo dos seus rascunhos, muito embora as ações destes se desenvolvam em uma região cuja economia era baseada unicamente na riqueza pastoril e onde o cavalo e o boi, principalmente este, eram a razão de ser da sociedade ali instalada.

Apenas em *O Boi Velho* aparecem animais em primeiro plano. Nesse conto são, mesmo, os únicos protagonistas com nome – Cabiúna e Dourado.

Pois bem: nesse pequeno número de irracionais, natural que coubesse ao cavalo a melhor parte, pois êste nobre animal sempre foi o grande amigo e companheiro do gaúcho.

Descreve os pingos com maior ou menor carinho, segundo as conveniências da narrativa e não se esquece, em quase todos, de revelar a côr da sua pelagem.

Entre tantas espécies de pêlo cavalariço, de apenas oito serviu-se o autor: zaino, picaço, tordilho, ruano, tostado, azulego e colorado.

Outra ilação que pode ser tirada é de que Simões Lopes tinha predileção pelos picaços, pois é o pêlo que atribui mais vezes aos cavalos que desfilam nos seus contos.

São picaços: o cavalo do major Terêncio, em *O Negro Bonifácio*; o que Blau Nunes diz ter ganho de Caxias, em *O Chasque do Imperador*; dêste mesmo pêlo era o de Bento Gonçalves em *Duelo de Farrapos* e picaço ainda era o do velho Binga Cruz, em *Penar de Velhos*.

Sabendo-se do carinho de Simões Lopes por Blau Nunes e Bento Gonçalves, um, filho dileto de sua inventiva e outro, figura de sua veneração, fácil deduzirmos nossa assertiva.

Três vezes aparecem tordilhos e tostados. Dos tordilhos, dois são simplesmente tordilhos e o terceiro, tordilho salino. Dos três tostados, um era crespo. As demais pelagens aparecem apenas uma vez.

No conto *No Manantial* desfila uma tropilha de ruanos. Apenas em *O Negro Bonifácio* demora-se, e não muito, na descrição de um cavalo, quando registra:

«num bagual lobuno rabricano, de machinhos altos, peito de pomba e orelhas finas, de tesoura; mui bem tosado a meio cogotilho, e de cola atada, em três tranças, bem alta, onde canta o galo!...»

Nos demais, sômente breves palavras:

«um picaço grande, mui lindo»;

«um pingo tordilho, pequenitate, mas mui mimoso»;

«montado num tordilho salino, ressolhador...»  
 «um bagual picaço, sãozito das quatro patas, sem  
 uma basteira e de rédea um pensamento...» e  
 «o pingo era de patas, porém apenas rocim, mui cos-  
 quilhoso...».

Em *Juca Guerra*, o sentimento dos gaúchos pelo cavalo en-  
 contra-se maravilhosamente descrito, pela bôca do velho Blau,  
 quando relata o momento em que Juca «sangra o seu confiança»,  
 que ficara «quebrado dos encontros», no brutal choque contra o  
 touro bravo:

«Coitado do flete!

Mas como deixá-lo viver, assim, arreventado? Para  
 vê-lo morrer de dores, inchado, com fome e com  
 sêde... e antes disso serem-lhe os olhos vasados  
 pelos urubus... e os buracos dêles, ainda vivos, vi-  
 rarem tocas das varejas?!...

Não! Um gaúcho de alma não abandona assim o seu  
 cavalo: antes mata-o, como amigo que não empor-  
 calha o seu amigo!»

Encerram *Contos Gauchescos* dois trabalhos – *Artigos de Fé do Gaúcho* e *Batendo Orelha*. Pois parece que o autor, que-  
 rendo penitenciar-se do seu comedimento no falar em animais  
 nos demais contos, dedicou-lhes mais atenção nestes dois úl-  
 timos.

Em *Artigos de Fé de um Gaúcho*, constante de vinte e um  
 itens, catorze falam em cavalos e em *Batendo Orelha*, traça um  
 interessante paralelo entre um homem e um cavalo.

Em *Correr Equada* quase tôdas as ações são passadas em  
 trabalho com eqüinos que, aos milhares, infestavam os campos  
 gaúchos.

E os bovinos? Como foram tratados por Simões Lopes?

Com referência a êles, maior ainda o comedimento do autor,  
 apesar da grande influência econômica dêesses animais e razão  
 de ser das estâncias e do *statu quo* gaúcho dos primitivos tem-  
 pos.

Como mostramos mais acima, em apenas um conto deu-  
 -lhes realce. E o Cabiúna e o Dourado já fazem parte da nossa  
 estância sentimental.

Ainda aqui ressuma o humano, pois assim conclui o belo e  
 comovente *O Boi Velho*:

«Cuê-pucha!... É mesmo bicho mau, o homem!»

E a respeito de bovinos, com evidência, nada mais...

Também com relação ao cão foi parcimonioso.

Apenas em *Trêzentas Onças* desempenha êsse animal um  
 pequeno mas importante papel, por intermédio de um

«cachorrinho brazino, um cusco mui esperto e boa  
 vigia. Era das crianças».

E note-se: nem sequer nome mereceu o cusco...

Como vemos, insignificante é a fauna atuante nas mara-  
 vilhosas narrativas dos *Contos Gauchescos*.

Já como recurso estilístico de sua esplêndida prosa, que  
 por vêzes transcende à poesia, usou de inúmeros representa-  
 tes da fauna sul-rio-grandense – acima de meia centena – so-  
 bretudo no emprêgo das comparações, tão do agrado do falar  
 gauchesco, ou para melhor ilustrar o pensamento, com imagens  
 fáceis de serem entendidas, conforme acentuou Buarque de  
 Hollanda, no seu magistral estudo de *Contos Gauchescos e Len-  
 das do Sul*.

Para o presente trabalho interessa, apenas, a citação dos  
 animais constantes dos *Contos Gauchescos*, empregados sô-  
 mente como recurso literário.

Ei-los: capincho, jararaca, veado-virá, sorro, porco-quei-  
 xada, tamanduá, jaguatirica, nhandu, jaguar, cachorro-chimar-  
 rão, cupim, cobra, cascavel, lagarto, quero-quero, cervo, joão-  
 -grande, mosca, formiga, vaga-lume, galinha, perdiz, gato,  
 pomba, galo, muçum, lontra, jacaré, gavião, mulita, gato-visca-  
 cho, avestruz, pica-pau, borboleta, sapo, varejeira, morcego, co-  
 ruja, urubu, carangueijo, leitão, tuco-tuco, peru, sabiá, mangan-  
 gá, anta, leão, carrapato, tico-tico, alma-de-gato, corruíra, tesou-  
 ra, galheiro, ratão, muquirana, mutuca e pulga.

Esses, os viventes – gente e bichos – que dão vida, calor  
 e colorido aos *Contos Gauchescos*.

Gente que vive, sofre, canta, chora, mata, ri e ama! Bichos que fizeram a fama e a fortuna do pampa brasileiro!

Homens e mulheres, integrantes de uma incipiente sociedade rural, buscando, teimosamente, sua fixação nos confins e sem fins da «Terra de Ninguém»!

Gente que, com sua idiossincrasia, ávida de vida, estuante de paixões, enamorada da terra, amante das lonjuras e prisioneira destas, lutando contra a carência e, paradoxalmente, contra a abundância dos pampas, soube imprimir sua forte personalidade coletiva e se constituir no alicerce de uma sociedade que só não restou castelhana, graças à sua fibra e seu entranhado amor às suas raízes, integrando-se no todo brasileiro a despeito das circunstâncias adversas.

Gente que, com suas virtudes e defeitos, alegrias e tristezas, construiu êsse pequeno-grande mundo maravilhoso dos «antigamentos» gaúchos e que o pelotense João Simões Lopes Neto, com a fôrça do seu gênio e a magia de sua arte, no trato com a linguagem gauchesca, conseguiu fixar no atlas do grande mundo da literatura universal, através dos seus *Contos Gauchescos* que, juntamente com *Lendas do Sul*, constitui um motivo de orgulho para a literatura regional do Rio Grande do Sul.